

## **A importância da inovação no ensino e aprendizagem de alunos bilíngues**

Mariana Furst (UCSB)

### **Resumo:**

As novas tecnologias digitais abriram novas vias de informação e comunicação, proporcionando emergentes transformações comportamentais, especialmente na nova geração. A sociedade atual exige mais agilidade e, em decorrência disso, vive-se hoje uma revalorização da linguagem oral, o que é facilitado pelas novas tecnologias. Nesse cenário, a exploração da modalidade oral nas salas de aula vem sendo entendida como uma atividade essencial ao desenvolvimento do aluno. Pensando em todo esse contexto apresentaremos uma pesquisa etnográfica desenvolvida em sala de aula de escola pública no condado de Santa Barbara, Califórnia, Estados Unidos. A pesquisa em questão iniciou no dia 1º de março de 2016 e se estendeu até o dia 30 de junho de 2018 e teve como participantes alunos bilíngues do último ano letivo do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Tecnologia Digital, Oralidade, Bilinguismo.

### **Introdução**

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica desenvolvida em sala de aula de escola pública no condado de Santa Bárbara, Califórnia, Estados Unidos. A pesquisa em questão iniciou no dia 1º de março de 2016 e se estendeu até o dia 30 de junho de 2018. O que inicialmente era apenas uma pesquisa realizada a partir de observações de aulas de língua inglesa, análises de materiais didáticos e entrevistas com professores, com o tempo foi tomando uma dimensão maior. Constatei que analisar as aulas e estratégias educacionais para o tratamento da linguagem oral nas escolas do condado de Santa Bárbara, não era suficiente para que se criasse um processo de intervenção no tratamento da linguagem oral nas aulas de língua. Observei, então, a necessidade de se entender um pouco mais sobre as diferenças culturais entre a educação americana e brasileira, além da necessidade de se realizar pesquisa etnográfica nas escolas em questão.

Exatamente durante esse período eu fui selecionada para lecionar uma disciplina de Sociolinguística para alunos bilíngues do último ano letivo do Ensino Médio em uma escola na cidade de Santa Bárbara e pude finalmente receber a autorização para criar atividades, filmar, fotografar, entrevistar, enfim, desenvolver a pesquisa da maneira que eu tanto almejava. Dessa forma, a pesquisa etnográfica e as atividades foram todas realizadas em sala de aula bilíngue do 3º ano do Ensino Médio, e a disciplina lecionada em questão era a Sociolinguística, AVID (Advancement Via Individual Determination) Class, que tinha como objetivo principal desenvolver as habilidades orais dos meus alunos a fim de empoderá-los linguisticamente, para que além de serem inseridos no mercado de trabalho com um diferencial, por serem pessoas bilíngues, estivessem motivados a cursar uma graduação. Para que isso fosse possível era necessário desmistificar a ideia de que existe uma língua

melhor do que a outra.

## 1- Definição dos informantes

A decisão de realizar a pesquisa nessa classe do 3º ano do Ensino Médio se deu predominantemente pelas características na turma em questão. Trata-se de uma turma bilíngue de imigrantes, alunos de diferentes culturas, com histórias escolares marcadas por dificuldade de aprendizagem e desfavorecidos economicamente.

Para melhor ilustrar esse aspecto, citarei a apresentação pessoal de uma aluna em nosso primeiro encontro. Como se trata de uma turma bilíngue, alunos falantes de Língua Inglesa e Língua Espanhola, no primeiro dia de aula, entrei em sala de aula e me apresentei para a turma em minha Língua Nativa, Português, e logo depois fiz a minha apresentação em inglês, informei que em minha casa conversamos em português, pois acreditamos ser muito importante preservar a nossa cultura e língua nativa, logo após a minha apresentação eu pedi que cada um se apresentasse. Uma aluna teve uma crise de choro ao iniciar a sua apresentação e não conseguiu terminar. Ela me informou que não conseguia falar em público.

Ao longo do curso, os alunos dessa turma produziram várias apresentações orais que foram filmadas, em sua grande maioria, para que fossem capazes de realizar uma comparação. Ao final do curso todos os alunos fizeram uma apresentação oral, no Departamento de Educação da UCSB, de uma pesquisa que realizaram ao longo das aulas e receberam certificados de participação. A disciplina em questão faz parte do SKILLS Project (Escola, Crianças, Investigação sobre a Língua na Vida e na Sociedade) liderado pela Prof. Dra. Jin Sook Lee do Departamento de Educação da UCSB (University of California, Santa Barbara) e possui nível de graduação, ou seja, é AVID Class (Advancement Via Individual Determination), portanto, os alunos que cursaram a disciplina em questão receberam crédito para o Ensino Superior em uma disciplina de linguística. Conforme afirmamos anteriormente, se trata de uma classe de alunos economicamente desfavorecidos e que se tornarão a primeira geração em suas famílias a cursar uma graduação.

Todos os fatos apresentados acima servem como exemplo dos aspectos que me levaram a optar por realizar essa pesquisa nessa sala de aula para investigar de que forma as oportunidades de aprendizagem foram discursivamente construídas por participantes – professora/pesquisadora e alunos – durante o ano escolar.

Na realização dessa pesquisa, explorei diferentes ângulos de análises para a produção e apresentação de *casos expressivos*, ou *telling cases* (Mitchell, 1984), representativos de como ações in-

dividuais são coordenadas com ações dos outros participantes em sala de aula. O primeiro desses ângulos analíticos possibilitou o exame dos processos discursivos de construção de “eventos interacionais em sala de aula”, conforme concebem Bloome e Bailey (1992). Essa análise focou nos momentos iniciais da construção da comunidade 3º ano do Ensino Médio bilíngue observada.

O segundo ângulo analítico analisou como uma atividade proposta pela professora/pesquisadora foi discursivamente construída por uma aluna, que logo no primeiro encontro apresentou um enorme constrangimento e bloqueio em se apresentar oralmente na frente dos colegas de classe. A construção desse ângulo de análise também envolveu duas etapas: a primeira constituiu em identificar a *perspectiva referencial* (cf. Werstch, 1991), construída no plano coletivo da sala de aula, em consequência de suas interações entre os participantes. A segunda etapa envolveu o exame de como essa aluna realizou as tarefas que lhe foram propostas, redefinindo, nesse contexto, interacional, os papéis e relações, as demandas e expectativas, os direitos e os deveres que orientavam sua participação na classe.

Essa pesquisa consistiu de coleta de dados sistemática durante o período de um semestre letivo, mediante o minha atuação como professora e pesquisadora da turma estudada. Os dados foram coletados por meio de processo etnográfico, explorados para conduzir a análise conceitual da relação entre indivíduo e grupo e examinar as consequências dessa relação para a construção de oportunidades de aprendizagem em sala de aula.

## **2- A necessidade de inovação**

Conforme informei anteriormente, meus alunos eram imigrantes bilíngues, de culturas diversas, com histórias escolares marcadas por dificuldade de aprendizagem e desfavorecidos economicamente. Além de todas essas informações podemos acrescentar o fato de se sentirem inferiores e envergonhados por terem como língua materna uma língua diferente da língua dominante da região onde residem.

Empodera-los linguisticamente e mudar a mentalidade deles mostrando que ser bilingue pode abrir novas possibilidades na vida profissional exigia de mim muita inovação. Inovação essa que vai além das tecnologias digitais, as aulas precisavam ser interessantes e envolventes. Foi exatamente partindo dessa constatação que eu decidi me apresentar inicialmente em Língua Portuguesa, minha língua materna, e explicar como a linguagem é em meu lar.

Todas as minhas aulas foram acompanhadas por alunos do curso de graduação em Educação da UCSB, pois esse acompanhamento faz parte das práticas de ensino por aqui. Além de acompanhar, filmar e fotografar as aulas, esses alunos se revezavam discutindo os assuntos em pauta com a

turma e muitas vezes se apresentando também. Assim como os meus alunos, os meus estagiários eram imigrantes e tinham muito a acrescentar e a cooperar com a motivação da turma durante as aulas.

As atividades foram todas realizadas de modo que além de tratarmos assuntos como o bilinguismo e Code switching, fizéssemos relação com as atividades realizadas em nosso dia a dia e como eles poderiam colaborar com a população e economia local usando o conhecimento linguístico e cultural deles.

Todo o aparato digital disponível nas salas foram utilizados: notebooks, tablets, vídeos, apresentações orais usando power points, entrevistas gravadas com a comunidade local e familiares. Após todas as apresentações ponderações sobre o que poderia ser melhorado eram realizadas, não apenas pela professora/pesquisadora, mas pela turma como um todo. A formatação da sala de aula também era sempre modificada, em alguns momentos em pequenos grupos e em outros em um grande círculo a fim de que todos aproveitassem ao máximo as discussões.

### **3- A aprendizagem e a construção de oportunidades de aprendizagem**

Analisar a visão cotextualizada de aprendizagem tem consequências para a compreensão de como as oportunidades de aprendizagem são discursivamente realizadas em sala de aula. Segundo Tuyay, Jennings e Dixon (1995) as oportunidades de aprendizagem são produzidas nas conversas dos participantes da turma (professora, alunos) por meio do discurso oral e escrito, “enquanto eles se envolvem na compreensão e negociação das demandas e expectativas, papéis e relações, direitos e obrigações para realizar as atividades de sala de aula.”

Um fato importante a ser ressaltado é o fato dos alunos terem se reconhecido como uma classe em comum, imigrantes bilíngues, mesmo que culturalmente e nacionalmente diferentes, e se ajudarem mutuamente durante os encontros.

Sempre que assistiam as suas apresentações ou as apresentações dos amigos, algumas vezes gravadas, outras ao vivo, começavam a pensar em como melhorar a performance. Comecei a perceber que alguns alunos começaram a trocar de roupas ou até mesmo vestir um blazer antes das apresentações. A dinâmica das aulas os motivava e eles pretendiam se apresentar como profissionais.

Anteriormente eu apresentei a situação de uma aluna que não conseguiu se apresentar oralmente em nosso primeiro encontro e chorou. Após esse episódio eu tive uma conversa individual com ela e expliquei que ela deveria mais uma vez como seria a dinâmica das aulas daquela sala e me disponibilizei a fazer atividades individuais com ela para ajudá-la. Talvez por vergonha ela não tenha me procurado para conversar individualmente mais. Porém pude observar uma enorme colaboração das amigas de classe em seu desenvolvimento.

No encontro seguinte iniciamos a aula fazendo uma brincadeira. A sala estava preparada em círculo e cada um deveria pensar em duas verdades e uma mentira sobre o seu uso individual da língua para falar no meio do grupo. O restante da turma deveria adivinhar qual era a mentira. A atividade foi elaborada pensando em cada um do grupo se conhecer melhor em quanto nos descontraíamos. Comecei a me apresentar primeiro e, após a turma adivinhar a minha mentira, perguntei se alguém gostaria de se voluntariar.

Nesse momento foi surpreendida pela aluna em questão que levantou segurando fortemente a mão de uma colega de classe. Ela não foi capaz de chegar ao centro do grupo, mas se apresentou com êxito. Um grande conquista.

As apresentações dela melhoraram muito ao longo do curso. Algumas vezes ela pedia para deixá-la gravar um vídeo da sua apresentação ao invés de apresentar ao vivo. Permiti que isso acontecesse, até o momento em que ela se sentiu segura para apresentar.

## **Palavras Finais**

O sucesso de um projeto depende crucialmente do envolvimento dos profissionais comprometidos com o curso. A esses profissionais é que cabe perguntar: quem são os estudantes que temos em sala de aula? como trabalhar acreditando que todo aluno pode aprender a se desenvolver linguisticamente? que condições serão buscadas para garantir uma alfabetização de qualidade para todos?

## **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 277-326.

BLOOME, D.; BAILE, F. Studying language through events, particularity, and intertextuality. In: BEACH, R.J.; GREEN, M.Kamil; SHANAHAN, T. (Ed.) *Multiple disciplinary perspectives on literacy research*. Urbana, IL: NCRE; NCTE, 1992. p. 181-210.

BRASIL. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental*. Brasília/DF: SEF/MEC.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: séries finais do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008 : Língua Portuguesa / Ministério da Educação*. Brasília : MEC, 2007. 148 p. — (Ensino Médio)

FOX, R. *Experiments and innovations*. In: FOX, R. *Gandbian utopia: experiments with culture*. Boston: Beacon Press, 1989.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler; em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.

FURST, M. *O Tratamento da Oralidade em Sala de Aula: A Revitalização da Retórica nos Dias Atuais*. Belo Horizonte: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

GEE, J.; GREEN, J. *Discourse Analysis, learning, and social practice: a methodological study*. *Review of Research in Education*, 1998.

MITCHELL, J.C. Typicality and the case study. In: ELLENS, R.F. (Ed.) *Ethnographic research: a guide to general conduct*. New York: Academic Press, 1984. p. 238-241.

SANTA BARBARA CLASSROOM DISCOURSE GROUP. *Two languages, one community: an examination of education possibilities*. In: MACIAS, R.; GARCIA, R. (Ed.). *Changing schools for changing students: an anthology of research on language minorities*. Linguistic Minority Research Institute, 1994.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2a ed. 3a reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TUYAY, S.; JENNINGS, L.; DIXON, C. *Classroom discourse and opportunities to learn: an ethnographic study of knowledge construction in a bilingual third grade classroom*. *Discourse Processes*, 19 (1), p. 75-110, 1995.